

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Daniel dos Santos

O QUE XUXA VIU DA VIDA:  
UMA ANÁLISE DA ENTREVISTA AO FANTÁSTICO

Passo Fundo

2014

Daniel dos Santos

O QUE XUXA VIU DA VIDA:  
UMA ANÁLISE DA ENTREVISTA AO FANTÁSTICO

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da professora Ma. Nadja Hartmann

Passo Fundo

2014

Daniel dos Santos

**O que Xuxa viu da vida:  
uma análise da entrevista ao Fantástico**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau em bacharel em Jornalismo, sob orientação da professora Ma. Nadja Hartmann.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup> Ma. Nadja Hartmann

---

Prof<sup>o</sup> Me. Cleber Nelson Dalbosco

---

Prof<sup>o</sup> Me. Vinicius Rauber e Souza

Com muito carinho dedico à minha mãe e à minha irmã Daniela, pela paciência e incansável persistência em transformar o meu sonho realidade. A Deus, meu socorro presente nos momentos de angústia.

Quero agradecer a tantas pessoas que contribuíram com a minha formação e aos tantos momentos de angústia e emoção, que certamente me tornaram uma pessoa ainda melhor.

Obrigado minha orientadora, professora Nadja, pelos ensinamentos transmitidos durante as orientações.

A Deus pela vida e pela coragem que me deu para enfrentar tantas dificuldades que foram impostas pelo caminho durante o período de faculdade.

Meu agradecimento também vai a todos os meus amigos, em especial à minha amiga, Tainara Scalco, que durante a trajetória acadêmica esteve ao meu lado, dividimos tristezas, anseios, alegrias e vitórias.

Ao meu pai, que de algum lugar do universo, me mandou energia suficiente para encarar qualquer desafio.

Mas, o meu muito obrigado é para minha mãe e para minha irmã, Daniela, sem elas nada teria acontecido, obrigado também pelo apoio e incentivo nas horas difíceis e de cansaço.

Obrigado!

## RESUMO

A presente monografia tem por objetivo analisar a entrevista concedida pela apresentadora de programas televisivos Maria da Graça Xuxa Meneghel ao quadro 'O que vi da vida', do programa dominical *Fantástico*, exibido pela TV Globo. A entrevista foi veiculada no dia 20 de maio de 2012 e surpreendeu a opinião pública ao revelar que Xuxa teria sido vítima de abuso sexual durante a infância. A análise foi desenvolvida por meio das definições do modo de endereçamento, utilizando como operador de análise o pacto sobre o papel do jornalismo, e de forma secundária, a teoria do agendamento - *Agenda Setting* - com a intenção de explicar a contribuição de celebridades ao trazerem à tona seus relatos íntimos em entrevistas, a fim de colaborar e alertar a sociedade sobre problemas recorrentes. A repercussão do depoimento de Xuxa sobre os abusos sexuais foi pautada em outros veículos, fazendo com que as denúncias sobre essa prática aumentassem de forma significativa junto ao serviço Disque 100.

**Palavras-chave:** Entrevista. *Fantástico*. Infotainment. Telejornalismo. Xuxa.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Imagem de Xuxa modelo no cenário do <i>Fantástico</i> .....	28
Figura 2: Cenário da entrevista.....	29
Figura 3: Luz no rosto da Xuxa .....	29
Figura 4: Sugestão dos assuntos que serão relatados por Xuxa. ....	30
Figura 5: Enquadramento rosto de Xuxa.....	31
Figura 6: Segundo enquadramento rosto de Xuxa .....	31
Figura 7: Enquadramento perfil de Xuxa .....	31

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>1 A TELEVISÃO NO BRASIL .....</b>	<b>10</b>
<b>2 JORNALISMO DE INFOTENIMENTO .....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Revista Eletrônica no Brasil .....</b>	<b>14</b>
2.1.1 Fantástico, o Show da Vida .....	15
2.1.2 Quadro <i>O que Vi da Vida</i> .....	17
<b>3 A ENTREVISTA NA TELEVISÃO .....</b>	<b>19</b>
<b>4 XUXA MENEGHEL: RAINHA DOS BAIXINHOS.....</b>	<b>22</b>
<b>4.1 Xuxa na Globo.....</b>	<b>24</b>
<b>5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA ENTREVISTA DE XUXA .....</b>	<b>27</b>
<b>5.1 Descrição da entrevista de Xuxa .....</b>	<b>27</b>
<b>5.2 Análise da entrevista.....</b>	<b>32</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>41</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>44</b>

## INTRODUÇÃO

Sabe-se que os veículos de comunicação, especialmente a televisão, causam grande influência na massa. Eles são capazes de ditar moda, criar costumes, incentivar o consumo e, também, criar ídolos, que se tornam figuras praticamente intocáveis diante dos olhos de quem os assiste. É possível observar alguns desses ídolos criados pela televisão. Um deles, e talvez a mulher de maior apelo na América Latina, é a apresentadora de programas televisivos Maria da Graça Xuxa Meneghel. Ela já não se mantém mais no topo das preferências do público, mas tudo o que é dito e escrito sobre a persona midiática acaba gerando grande repercussão, seja negativa ou positiva, como é o caso da entrevista concedida ao quadro ‘O que vi da Vida’ do programa dominical *Fantástico*, objeto de estudo desta monografia, em que Xuxa surpreendeu a opinião pública ao revelar detalhes íntimos de sua vida. O depoimento da apresentadora teve repercussão imediata em todas as esferas da mídia.

Mesmo a entrevista de Xuxa sendo veiculada em um programa jornalístico com teor de entretenimento, conforme Nascimento (2010), esse tipo de jornalismo também tem o papel de informar e formar a opinião pública. “O entretenimento, entretanto, destinou-se a explorar a ficção, extravasar frustrações, nutrir a imaginação, chamar a atenção e divertir o público” (NASCIMENTO, 2010. p. 21).

A partir do notável êxito da carreira da apresentadora, essa monografia teve como objetivo específico analisar a repercussão causada pela entrevista citada acima. Como metodologia de análise do conteúdo da entrevista de Xuxa, será utilizada a Teoria dos Modos de Endereçamento, a partir de Gomes (2007), que apresenta quatro diferentes operadores de análise: o mediador, o contexto comunicativo, o pacto sobre o papel do jornalismo e a organização temática. Para esse estudo, será utilizado como operador de análise o pacto sobre o papel do jornalismo, cuja definição se refere “a forma como o programa lida com as premissas, valores, normas e convenções que constituem o jornalismo como instituição social, ou seja, como lida com as questões de objetividade, imparcialidade, factualidade, interesse público, responsabilidade social, liberdade de expressão, atualidade e quarto poder” (GOMES, 2007, p. 36). A autora explica ainda que esse operador de análise busca valorizar a maneira como o programa se comporta em relação a esses valores e o que vai propor ao telespectador.

Com a intenção de explicar a influência causada na população, que passou a denunciar a prática dos abusos sexuais ao serviço Disque 100, a presente monografia vai utilizar as definições que dizem respeito ao *Agenda Setting*, ou Teoria do Agendamento, que para

Mainenti (2012), “é uma expressão que resume o debate que ocorre tanto em populações de bairros quanto em âmbito internacional, sobre o que deve estar no centro da atenção pública e da ação” (MAINENTI, 2012. p. 2).

Para desenvolver essa pesquisa, os capítulos a seguir resgatam a história da televisão no Brasil, a partir dos estudos de Wolton (1996), a trajetória midiática de Xuxa, conforme as considerações de Junior (1999), o jornalismo de Infotimento, proposto por Dejavite (2007) e Amaral (2008), a revista eletrônica no Brasil, de acordo com as definições de Arronchi de Souza (2004), o surgimento e trajetória do programa *Fantástico*, também de acordo com estudos de Arronchi de Souza (2004) e Rocha e Aucar (2011), os conceitos e formatos de entrevista na televisão, a partir da contribuição de Campos (2006), Caputo (2009) e Curado (2002) e ainda a teoria do agendamento no jornalismo, indicados por Mainenti (2012).

## 1 A TELEVISÃO NO BRASIL

Torna-se indispensável nesta monografia resgatar, mesmo que brevemente, a história da televisão no Brasil, pois dessa forma ter-se-á uma melhor compreensão das dinâmicas sociais, ideologias e costumes que envolvem a sociedade, além de compreendermos o sucesso e a notoriedade alcançados por Xuxa Meneghel.

Diversos autores defendem que a televisão foi a maior invenção da comunicação no século XX. Para Wolton (1996), a chegada desse veículo ao Brasil na década de 1950 trouxe “extremo dinamismo” e integração entre todas as classes sociais. O autor ainda explica que a televisão fez o “milagre da imagem” e por isso obteve sucesso e aceitação do público de forma imediata. Wolton (1996) caracteriza a televisão brasileira como generalista. Diante dessa perspectiva, o autor afirma que “o efeito, o sucesso e o papel nacional de uma grande televisão são assistidos por todos os meios sociais, e que pela diversidade de seus programas constitui um poderoso fator de integração social” (WOLTON, 1996, p. 153). Para Dominique Wolton, um dos aspectos que a enquadram nesse quesito é a contribuição para valorização da identidade nacional, bem como a inteligência e o senso crítico do público.

A visão de Sodré (1978), sobre o surgimento da televisão no Brasil é mais crítica e aponta que a tecnologia possibilitou “produzir hegemonia ideológica ou dominação cultural” (SODRÉ, 1978. p. 84). Em seus estudos sobre televisão, o autor reflete sobre como a nova tecnologia permitiu um sistema de monopolização da fala, que estabelece “a hipótese de sua homologia com os fenômenos de construção da produção econômica, do poder político e do neomonolismo das formas de pensamento” (SODRÉ, 1978. p. 84).

O sistema proposto por Sodré (1978) também sugere uma série de fatores:

- a) industrialização e unificação do mercado por um centro econômico;
- b) aumento dos níveis de renda e aparecimento de novas camadas de consumidores;
- c) crescimento e modernização das cidades;
- d) elevação dos níveis de instrução e aparecimento de novas carências de lazer; e
- e) custo unitário dos serviços informativos relativamente baixo para cada consumidor, devido à expansão do financiamento publicitário (SODRÉ, 1978, p. 85).

Além disso, Barbosa (2012) descreve que o surgimento da televisão no Brasil trouxe modernidade para o país, como uma “tecnologia que o insere, definitivamente, na modernidade, possibilidade decorrente da capacidade inventiva do homem”. A autora elenca ainda que a televisão mudou o formato das pessoas consumirem informação, “ampliação da reprodução sobre forma de verdade das imagens no mundo, meio mais completo do que a

radiotelegrafia, que permitiu a eclosão das ondas sonoras nos espaços domésticos” (BARBOSA, 2012, p. 16).

Sobre a história da televisão no Brasil, Wolton (1996) lembra que o surgimento no país partiu do desejo de Assis Chateaubriand, o qual encaminhou técnicos para receberem formação nos Estados Unidos. O autor explica que na Europa a televisão foi recebida de maneira diferente dos que pelos brasileiros. “Ao contrário da Europa, trata-se de uma iniciativa privada e, malgrado a imensidão do território e as disparidades sociais e culturais, o Brasil em uma geração converteu-se inteiramente à televisão” (DOMIQUE, 1996, p. 153).

Wolton (1996) distingue a televisão no Brasil em quatro fases.

- **1955 a 1964** - A fase elitista no sentido em que no Brasil, como em outras partes, a televisão atingia um meio restrito. Apenas grandes cidades possuíam as emissoras necessárias. Os profissionais, como em outros países também, vinham do rádio e do teatro. A televisão era um tipo de espetáculo. Os espectadores narravam os programas uns aos outros, uma vez que muitos não tinham televisão (DOMIQUE, 1996, p. 154).
- **1964 a 1975** - É a fase da decolagem, o momento que as classes C e D começam ganhar acesso à televisão. O mais surpreendente é que essa fase de expansão coincide com a ditadura militar, como se a televisão fosse oferecida como compensação pela perda das liberdades políticas. Mas, a realidade é ainda mais complexa, pois são os próprios militares que oferecem esse instrumento de modernização e de afirmação da identidade nacional, com a ideia de contribuir com a grandeza e força do Brasil, sem pensar muito nas aspirações de liberdade que a televisão podia suscitar (DOMIQUE, 1996, p. 154).
- **1975 a 1988** - É o triunfo tecnológico. Desde o início, a rede acredita na densidade. Graças ao *Brasilsat*, a televisão está presente em quase toda a parte, inclusive nas florestas da Amazônia. Nesta fase também se desenvolve a televisão educativa, junto com a afirmação de uma identidade cultural nacional que acelera a produção nacional, reforçando o sentimento de identidade nacional, valorizando no período precedente (DOMIQUE, 1996, p. 155).
- **1988- 19...** É a expansão internacional. O sucesso das telenovelas torna-se produto de exportação, e a volta da democracia devolve o Brasil a si mesmo e a sua história. A nova Constituição de 1988 e o novo código da democracia criam as condições de uma liberdade de imprensa. A sociedade e a televisão parecem ter absorvido tanto o regime de Getúlio Vargas quanto a ditadura militar. São todas as quatro classes que assistem a

televisão e, em vinte anos de rápida expansão, os militares, assim como a democracia, conseguiram conduzir a cultura e a identidade brasileira para além das razões comerciais (DOMINIQUE, 1996, p. 155).

Diante do objeto desta pesquisa, importante ressaltar que foi durante o período de expansão internacional que a apresentadora Xuxa Meneghel começou a ganhar notoriedade no Brasil à frente do programa *Xou da Xuxa*, exibido pela TV Globo, de julho de 1986 a dezembro de 1992.

Nessas quatro fases apresentadas por Wolton (1996), ainda não havia surgido a expansão da televisão digital. Essa transição, que começou em 2007 no Brasil, de acordo com Damiani (2003), pode ser caracterizada como a quinta fase, marcada por mudanças significativas não só na qualidade de transmissão, mas na sua forma em si. “Fala-se sobre a possibilidade de uma customização completa do que será oferecido aos telespectadores, a possibilidade de cada indivíduo escolher o que assistir, como, quando e onde” (DAMIANI, 2003, p. 5).

No capítulo a seguir será apresentado as definições do gênero de Infotainment. Na televisão é possível observar esse formato em diversos programas, no jornalismo ele se faz presente nas revistas eletrônicas, como no programa *Fantástico*.

## 2 JORNALISMO DE INFOTENIMENTO

Neste capítulo, serão apresentadas as considerações teóricas do gênero de Infotenimento (informação + entretenimento) a partir dos estudos de Dejavite (2007) e Amaral (2008).

Para Dejavite (2007), o Infotenimento está cada vez mais evidente no jornalismo e tem a função de entreter o telespectador, leitor ou ouvinte. O entretenimento oferecido no conteúdo editorial é julgado como um subproduto ou um desvio da atenção do receptor de assuntos tidos de maior importância (DEJAVITE, 2007, p. 1). De acordo com a autora, os consumidores deste gênero podem ser considerados alienados, “as matérias de entretenimento no espaço editorial seriam a informação para aquele que não procura informação” (DEJAVITE, 2007, p. 1).

Dejavite (2007) explica que o termo Infotenimento surgiu na década de 1980, entretanto passou a ganhar espaço nas editorias de jornalismo a partir dos anos de 1990. Foi nesta época que acadêmicos e pesquisadores da área da comunicação passaram a utilizá-lo. O jornalismo de Infotenimento é destinado às matérias que informam e entretém ao mesmo tempo:

[...] os assuntos sobre estilo de vida, as fofocas e as notícias de interesse humano – os quais atraem, sim, o público. Esse termo sintetiza, de maneira clara e objetiva, a intenção editorial do papel de entreter no jornalismo, pois segue seus princípios básicos que atende às necessidades de informação do receptor de hoje. Enfim, manifesta aquele conteúdo que informa com diversão (DEJAVITE, 2007, p. 2).

Conforme Amaral (2008), o jornalismo se desloca para o entretenimento quando não há intenção de ampliar o conhecimento do leitor, e isso ocorre “na seleção do fato, no seu enquadramento ou na estrutura da notícia” (AMARAL, 2008, p. 2). A autora explica que muitas vezes o entretenimento pode parecer de maneira exagerada no jornalismo e que podem existir convergências entre os dois produtos, “se o entretenimento informa, também não é correto afirmar que essa não é a sua função, assim como ao discurso jornalístico não cabe divertir” (AMARAL, 2008, p. 3). Diante desse contexto, a pesquisadora argumenta que a notícia se mistura ao entretenimento quando a audiência se desinteressa por temas públicos.

Dejavite (2007) diz que o jornalismo de Infotenimento é evidenciado, especialmente, nas notícias que envolvem celebridades, e que é nesta especialidade que uma reportagem ou notícia de Infotenimento consegue informar. Nesse caso, o limite ético que separa jornalismo

e entretenimento não existe (DEJAVITE, 2007. p. 3). Pois, segundo a autora, esse tipo de notícia nutre a imaginação e aguça a curiosidade do público.

Segundo Dejavite (2007), a definição do Infotimento tem conceitos pré-estabelecidos e, para pesquisadores e acadêmicos, pode ser estabelecido como conteúdo sério e não sério:

O conteúdo sério seria aquela matéria que aprofunda, investiga, critica e transmite informações novas, tendo por finalidade o ponto de reflexão. O segundo (o não sério) seria aquele que somente diverte, tem humor, atrai o receptor por trazer assuntos mais amenos, *light*, o que, para muitos, não traz nada de novo, apenas algo velho, com outra roupagem, que ajuda promover ideologias, como a do consumo e a do mercado (DEJAVITE, 2007. p. 3).

Para explicar que o conteúdo sério pode ser caracterizado como Infotimento, Dejavite (2007) diz que “uma *charge* de jornal satiriza um assunto que está na manchete da primeira página [...]. Aparentemente, neste caso, aquilo que se denominou de conteúdo sério (a política) apresenta-se como uma roupagem não séria (DEJAVITE, 2007, p. 4).

No que diz respeito aos valores-notícia dentro do jornalismo de Infotimento, Amaral (2008) comenta que eles “perpassam todo o processo de produção jornalística, são estruturas de retaguarda social, não são apenas critérios de relevância de um fato.” O que a autora aponta como a representação do interesse público.

Diante desse panorama em que a autora refere-se que o jornalismo de Infotimento busca agradar o interesse público, pode-se dizer que a entrevista de Xuxa, apresentada no quadro ‘O que vi da vida’ do programa *Fantástico*, traz os elementos que constroem uma informação por meio de entretenimento, pois o depoimento foi veiculado em uma revista eletrônica, teve a intenção de informar sobre fatos vividos pela apresentadora, mas também buscou entreter por levar ao ar declarações de uma celebridade de grande apelo popular em toda a América Latina.

## 2.1 Revista Eletrônica no Brasil

Estudos de variados autores demonstram que o termo revista eletrônica se refere a programas de televisão com teor jornalístico, que utilizam diversas maneiras para conquistar a audiência por intermédio do entretenimento. Neste capítulo, será apresentado, por meio dos estudos de Arronchi de Souza (2004), como se define a elaboração, o formato e a linguagem utilizados em revistas eletrônicas, como o programa *Fantástico*.

O caráter informativo do gênero, normalmente formatado como um telejornal, com reportagens, prestação de serviços, entrevistas, comentaristas, e para descontrair, artes, espetáculo e lazer (ARRONCHI DE SOUZA, 2004, p. 130).

Para Aronchi de Souza (2004), as revistas eletrônicas podem confundir o público por conta de sua dinamicidade e necessidade exagerada de testar formatos. “O gênero revista é uma tentação para desenvolver um programa com tudo o que exista de formatos para preencher toda a duração com várias atrações. Isso constitui um perigo potencial, pois pode descaracterizar o gênero e confundir o público, que não sabe o que assistir no programa e, na dúvida, muda de canal” (ARRONCHI DE SOUZA, 2004, p. 129). Para o autor, as revistas eletrônicas podem oferecer ao telespectador uma mistura de informação e entretenimento. “Traz ao público grandes reportagens, entrevistas e noticiário resumido dos assuntos que estão em pauta no país e no mundo” (ARRONCHI DE SOUZA, 2004, p. 129).

Ainda dentro desse contexto, Aronchi de Souza (2004) indica que o formato de uma revista eletrônica é muito semelhante ao de uma revista impressa. “Os programas podem conter vários formatos: telejornalismo, quadros humorísticos, musicais, reportagens, enfim, assuntos diversos.” (ARRONCHI DE SOUZA, 2004, p. 129). Entretanto, no que se refere à linguagem utilizada em revistas eletrônicas, o autor também utiliza as definições sobre o Infotimento “a informação unida ao entretenimento passa a ser utilizada para atrair a audiência. A notícia torna-se espetáculo e faz parte de uma espécie de show de informações” (ARRONCHI DE SOUZA, 2004, p. 129).

No que diz respeito à apresentação das revistas eletrônicas, Arronchi de Souza (2004) explica que, no Brasil, esses programas se utilizam da mesma característica. “São dois apresentadores, normalmente um homem e uma mulher, que comandam as atrações previstas nas edições” (ARRONCHI DE SOUZA, 2004, p. 129).

Como exemplos de revistas eletrônicas apresentadas na televisão brasileira, é possível observar os programas *Fantástico* e *Jornal Hoje*, da TV Globo, o *Domingo Espetacular*, da TV Record, e o *Jornal do Almoço*, da RBSTV.

### 2.1.1 Fantástico, o Show da Vida

O programa *Fantástico* estreou no dia 5 de agosto de 1973. É exibido aos domingos pela TV Globo, na faixa das 21h. É a revista eletrônica mais assistida e conhecida no Brasil. Gomes (2006) evidencia ainda mais o termo revista eletrônica, atribuído ao *Fantástico*, pois segundo a autora, o programa se utiliza justamente do entretenimento aliado ao jornalismo. O

site do programa confirma sua proposta inicial, que perdura até hoje, que é “misturar jornalismo e entretenimento de forma dinâmica e acessível” (GOMES, 2006. p. 37).

O site Memória Globo (2014) reforça os aspectos de uma revista eletrônica quando esclarece aos telespectadores que o *Fantástico* traz jornalismo, prestação de serviços, humor, dramaturgia, documentários, música, reportagens investigativas, denúncia, ciência, além de um espaço para a experimentação de novas linguagens e formatos. O programa tem cerca de duas horas de duração e é dividido em sete blocos (MEMÓRIA GLOBO, 2014).

Um programa diferente de tudo o que existia na televisão brasileira na época. Em 1973, estreava na Globo uma revista eletrônica de variedades, com duas horas de duração, que reunia jornalismo e entretenimento para levar até o telespectador os assuntos relevantes no Brasil e no mundo. O programa tinha nome à altura de suas pretensões: *Fantástico*, o *Show da Vida* (MEMÓRIA GLOBO, 2014)

Ainda de acordo com o site Memória Globo, o *Fantástico* surgiu para trazer novidade para a TV brasileira. Criado pelo então diretor de Operações da Rede Globo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, o *Fantástico* surgiu para substituir o programa jornalístico *Só o Amor Constrói o Amor*. A ideia do diretor era, justamente, criar uma revista eletrônica visualmente sofisticada que trabalhasse com a realidade e a ficção (MEMÓRIA GLOBO, 2014).

A aceitação do programa *Fantástico* pelo público brasileiro foi imediata, conforme explicam Rocha e Aucar (2011). “Em pouco tempo, a revista semanal ganhou projeção nacional e internacional, servindo de espelho para programas similares em países como Espanha e Itália. O *Fantástico* detém até hoje um dos melhores índices da televisão brasileira e se tornou um dos produtos mais familiares do grande público” (ROCHA e AUCAR, 2011. p. 48).

Os autores dizem ainda que, ao longo dos anos, formatos evoluíram e quadros foram criados, tudo dentro da linha original de programação. “O diferencial do programa *Fantástico* ganhou notoriedade, justamente pelo uso excessivo do apelo visual. Com a grande produção de material visual e novas tecnologias, o mercado editorial foi inundado por imagens que encantavam o público consumidor, sustentando e dando nova dimensão naquele momento à cultura de massas que passa a exercer parte substancial de seu poder amparada nos pilares da distração, da diversão e do prazer” (ROCHA e AUCAR, 2011. p. 52).

Atualmente, o programa *Fantástico* possui sete blocos. Apresenta reportagens de investigação, denúncia, saúde e ciência. De acordo com o site do programa *Fantástico* (2014), o dominical “traz informações sobre os principais fatos ocorridos no Brasil e no mundo na

semana que antecede sua exibição.” Durante o período da realização desta pesquisa, o *Fantástico* tinha como quadros fixos: Autismo, Universo Popular; Bem sertanejo; Bola cheia, Bola murcha; Detetive virtual; Inmetro; Males da Alma; Me leva Brasil; Medida Certa; Mulher, Saúde Íntima; Mundo sem Mulheres; Pedra no Caminho e Repórter por um dia. (Fantástico, 2014). O quadro “O que vi da vida”, objeto de estudo desta monografia, foi exibido durante o ano de 2012. Não existem informações sobre sua extinção.

### 2.1.2 Quadro *O que Vi da Vida*

O quadro ‘O que Vi da Vida’, apresentado na revista eletrônica *Fantástico*, estreou em 2012 e é dirigido pelo humorista e “ex-Casseta e Planeta” Claudio Manoel (TV FOCO, 2014). Conforme o site TV FOCO, o quadro é uma espécie de minidocumentário<sup>1</sup>, que traz depoimentos íntimos de personalidades do meio artístico brasileiro. No site do programa *Fantástico*, consta que a proposta do quadro é que “personalidades brasileiras contem suas histórias em depoimentos emocionados” (FANTÁSTICO, 2014).

Para Paranhos (2012), o quadro ‘O que Vi da Vida’ tenta unir entretenimento e informação na programação dominical da TV Globo. Ela explica que a revista eletrônica já é conhecida como local de experimentações por apresentar novos formatos, unindo, desta forma, variedade, humor, informação e entretenimento (PARANHOS, 2012).

Entretanto, a autora evidencia que o quadro chega até ser (melo) dramático em alguns momentos, pela publicização da esfera privada e do íntimo de personalidades da cena artística para o julgamento público. As notícias de divulgação do quadro que relacionam os depoimentos com uma espécie de minidocumentário tornam evidente que há um tensionamento de gêneros (ou sub-gêneros) entre documentário e programa de entrevista, em que um espectador desavisado poderia indagar “o que é uma ‘espécie de minidocumentário’?”, ou quem já assistiu aos dois primeiros quadros levados ao ar e ouviu a definição oficial da emissora sentiria falta de elementos demarcadores de um programa de entrevista (PARANHOS, 2012). É justamente nesse quesito que o quadro ‘O que Vi da Vida’ se torna diferente dos demais programas de entrevistas, pois não há a intervenção de um entrevistador. Os assuntos são divididos por meio de caracteres na tela, que sugerem o assunto que vai ser relatado, tais como, família, infância, amores e entre outros.

---

<sup>1</sup> São filmes documentários de curta/média-metragem feitos a partir de certas “unidades discursivas” que os caracterizam no interior do campo da prática do documentário (BAMBA, 2011, p. 57).

Quanto ao formato e edição do quadro, Paranhos (2012) cita que uma trilha sonora instrumental acompanha o tom da lembrança suscitada pela personalidade: os arranjos de piano, violão ou cavaquinho acompanham climas de tensão, alegria ou tristeza. A edição traz também fotos antigas que ilustram alguns momentos contados pelo personagem, com narração em *off*<sup>2</sup>, que acentuam o caráter auto-biográfico e intimista da proposta.

Em relação aos valores como novidade ou ineditismo, atualidade e interesse público, a autora diz que para o quadro esses quesitos parecem ter pouca importância na composição da proposta que favorece a exploração da intimidade, da vida pessoal e das emoções de personalidades do meio artístico. Paranhos (2012) ainda explica que há uma tensão suscitada pelo quadro quanto aos gêneros televisivos:

A justificativa pela alternância de características de ambos, a qual encontra um lugar cômodo no Fantástico, cujas propostas de experimentação e mistura de formatos e gêneros se adéquam aos princípios de produção do programa e competências de recepção de seu público. O hibridismo de gêneros tem sido cada vez mais comum em programas televisivos e o tensionamento gerado por quadros como “O que eu Vi da Vida” evidenciam a importância deste conceito. (PARANHOS, 2012, p. 67).

O quadro, de aproximadamente dez minutos, é dividido em partes, como “Fé”, “O artista”, “A vida” e possui uma trilha sonora instrumental que acompanha o tom da lembrança suscitada pela personalidade.

A entrevista de Xuxa foi ao ar no dia 20 de maio de 2012, e de acordo com o Portal da Imprensa (2004), foi uma das maiores audiências do *Fantástico* nos últimos tempos. Registrou 24 pontos de audiência em São Paulo, sendo que cada ponto representa 60 mil domicílios. Nota-se que de todas as entrevistas veiculadas ao quadro ‘O que vi da Vida’, a de Xuxa teve o maior tempo. Foram 25 minutos e 37 segundos, em que a apresentadora relatou por meio de depoimento passagens de sua carreira profissional e pessoal, mas o ponto alto foi a revelação dos abusos sexuais, que foi vítima durante a infância e adolescência.

---

<sup>2</sup> Narração gravada da reportagem. Usada para cobrir as imagens. O *off* é a informação que a sonora não deu, o complemento para que todas as informações sejam passadas. (JORNALISMO UNIUBE. 2014).

### 3 A ENTREVISTA NA TELEVISÃO

Tendo em vista que o depoimento de Xuxa ao quadro ‘O que vida da Vida’ do Fantástico, mesmo não havendo a intervenção de um entrevistador, pode ser caracterizado como entrevista, pois os assuntos foram propostos à entrevistada. Neste capítulo será apresentado os formatos de entrevista na televisão.

De acordo com Campos (2009), são cinco gêneros que subdividem o jornalismo: informativo, recreativo, opinativo, interpretativo e literário.

Caputo (2006) explica que a entrevista é um gênero que, apesar de todas as transformações das técnicas de comunicação, continua marcando época na mídia contemporânea. Em jornal impresso, rádio, televisão ou mesmo na internet. (CAPUTO, 2006). Quanto ao conceito de entrevista, Emerim (2012) descreve que a entrevista no jornalismo, de modo geral, é a ocorrência de perguntas e respostas.

De forma simplista, o entrevistar está intimamente ligado ao ato de questionar, de perguntar. E, para entrevistar, existe uma vasta bibliografia que oportuniza ao interessado técnicas diversas de como fazer. Aliás, até mesmo de como participar de entrevistas, qualquer entrevista, desde a de emprego até a de um programa de televisão. (EMERIM, 2013. p. 25).

Para Curado (2002), o processo de produção das entrevistas requer apuração e veracidade dos fatos:

A importância da notícia é geralmente julgada de acordo com a sua abrangência, isto é, segundo o universo de pessoas às quais pode interessar. Esse é o critério mais utilizado em jornalismo de televisão que, dando ênfase ao aspecto da amplitude, pode tender a transformar a notícia em entretenimento ou em espetáculo, tratando apenas de questões amenas ou desprovidas de polêmica. (CURADO, 2002 p. 16).

Curado (2002) lembra que o tempo na televisão é bastante restrito e cada matéria levada ao ar deve ter entre 1min 05seg e 1min 30seg. A pesquisadora considera que na televisão a entrevista “é a maior fonte de informação jornalística [...], é o elemento mais forte e refrescante, porque propicia uma relação dinâmica com a autoridade informativa, aquela que pode esclarecer sobre a natureza e a mecânica dos acontecimentos.” (CURADO, 2012, p. 99). A entrevista ocorre a partir da definição de quatro momentos. São eles: definição do assunto, identificação da pessoa credenciada para falar sobre o assunto, pesquisa a respeito do tema e do entrevistado e o planejamento das perguntas. A autora ainda esclarece que na televisão existem sete maneiras de se fazer entrevistas.

- **Entrevista em estúdio**

A entrevista em estúdio ocorre quase sempre ao vivo em telejornais. Obedece a uma pauta e deve estar circunscrita ao tema. O tempo dedicado a essas participações não é longo e deve ser aproveitado de maneira objetiva pelo entrevistador. As perguntas são pré-formuladas e o editor-chefe dá retorno sobre a condução da entrevista pelo ponto eletrônico. As mesmas regras devem ser observadas em entrevistas gravadas e a firmeza do entrevistador é imprescindível para manter a entrevista na trilha. (CURADO, 2002, p. 101).

- **Entrevista ao vivo, da rua**

Neste caso, Curado (2002), considera que o bom senso e a capacidade de improvisar do repórter e do cinegrafista podem tirar a equipe de diversos apuros, como ruídos externos e aglomeração de pessoas curiosas. É imprescindível que o jornalista tenha domínio da informação, do idioma, o que facilita a boa capacidade de expressão (CURADO, 2002, p. 101).

- **Coletivas**

São encontros com a imprensa convocados por uma autoridade ou celebridade para a divulgação de esclarecimentos ou para a promoção de um produto. Quando se tratam de assuntos de grande mobilização popular essas reuniões podem ser fervilhantes. Há coletivas em que parecem batalhas campais em que o trunfo é o microfone mais próximo do entrevistado. Assessores de comunicação podem optar por dividir a entrevista coletiva em dois tempos: entre jornalistas de televisão e rádio e, no segundo, representantes de jornais e revistas. (CURADO, 2002. p. 102).

- **Plantão**

Acontece em locais que a imprensa não tem acesso, como: em tribunais, gabinetes políticos e hospitais. Os jornalistas fazem vigília para flagrar quem entra e quem sai. E conseguir informações e declarações. (CURADO, 2002. p. 102).

- **Pelo telefone**

Quando o entrevistador não conhece a pessoa, a entrevista eletrônica é desafiante. O jornalista não possui muitos elementos para observar o entrevistado e a sua pista é apenas o tom da voz e fluidez com que fala. Portanto, o imprevisto é pouco propício. Entrevistas por telefone feitas para o telejornal podem ser gravadas e são um recurso importante quando a notícia exige um depoimento testemunhal em local não alcançado pela reportagem. (CURADO, 2002. p. 103).

- **Por escrito**

A entrevista por escrito tem caído em desuso, pois é pouco “televisiva”. Todavia, pode ser importante naqueles casos em que o acesso à autoridade esteja bloqueado. A pergunta feita por escrito e passado à autoridade “em confinamento” torna-se um documento – especialmente se a resposta for uma declaração de próprio punho do entrevistado. (CURADO, 2002. p. 103).

- **“Povo fala”**

É fazer a mesma pergunta a diferentes pessoas do público com a intenção de ser uma amostragem de opinião pública sobre determinado tema. O uso incorreto do “povo fala” pode distorcer a informação. (CURADO, 2002. p. 104).

No capítulo a seguir será apresentada a trajetória de Xuxa na televisão à frente de programas como o *Xou da Xuxa*, que lhe deu o título de Rainha dos baixinhos.

#### 4 XUXA MENEGHEL: RAINHA DOS BAIXINHOS

Xuxa Meneghel, apresentadora de programas televisivos, tem uma carreira notável no universo artístico brasileiro. São mais de 30 anos dedicados às telas, e poucos artistas no país conquistaram visível notoriedade quanto ela, que mesmo não estando mais no topo das preferências do público, consegue repercutir, positivamente e negativamente, em suas entrevistas e declarações. Neste capítulo, será apresentada a trajetória da persona midiática Xuxa.

Nascida em Santa Rosa no Rio Grande do Sul, no dia 27 de março de 1963, Maria da Graça Xuxa Meneghel é a filha caçula do casal Luiz Floriano Meneghel e Alda Meneghel. (XUXA.COM, 2014). Tornou-se uma das celebridades mais conhecidas e desejadas do Brasil, viu sua vida pública e particular ganhar dimensões desconcertantes, a ponto de receber o título de Rainha dos Baixinhos. De Santa Rosa para o subúrbio carioca de Bento Ribeiro, é neste local que Xuxa tem lembranças mais concretas de sua infância, aliás, algumas delas narradas no quadro ‘O que vida da Vida’, no programa dominical *Fantástico*, objeto de estudo desta monografia.

Em seus estudos sobre o fenômeno midiático Xuxa Meneghel, Junior (1999) descreve a apresentadora de televisão como um fenômeno fundamentalmente televisivo, “Xuxa é um simulacro da subordinação e servidão voluntária do povo brasileiro. Juntamente com a propalada hospitalidade e alegria espontâneas, características que parecem próprias de quem nasce no Brasil, Xuxa representa muitas coisas que podem facilmente ser identificadas em uma grande ‘peneira social’. (JUNIOR, 1999, p. 10).

Para entender a trajetória da apresentadora, é necessário voltar ao Rio de Janeiro dos anos de 1970, em que o cotidiano da jovem Xuxa era bastante humilde. Junior (1999) diz que para estudar a garota precisa viajar duas horas e que no início da adolescência ela ajudava em um estabelecimento comercial mantido pela família Meneghel. “Certamente ela alimentava o sonho de muitas meninas de sua idade, e esse sonho era ser famosa, de preferência através da profissão que no Brasil começava a ganhar *status* midiático: modelo fotográfico e/ou manequim. (JUNIOR, 1999, p. 10).

É possível observar por meio de inúmeras reportagens disponíveis na internet que a menina Xuxa ganhou as capas de quase todas as revistas brasileiras existentes no início da década de 1980, também nesse período as passarelas se renderam as formas exuberantes de Xuxa. Mas, a contradição na carreira se dá por conta das cenas do filme *Amor Estranho Amor* de 1982, em que aparece interpretando cenas de sexo com um garoto de 12 anos. Ironia do

destino ou não, Xuxa consagrou-se como um referencial no que diz respeito ao público infantil, ostentando inclusive o título de Rainha dos Baixinhos.

Junior (1999) explica que Xuxa influenciou toda uma geração, “representando uma imagem pouco palpável, que tem na servidão ‘voluntária’ brasileira, se não na sua base mais sólida, pelo menos as pré-condições para que ela exista da maneira como a vemos hoje, ou na maneira como as pessoas gostam de vê-la, senti-la e consumi-la” (JUNIOR, 1999, p. 12). O autor ainda diz que Xuxa carrega um comportamento hipnótico diante dos olhos de quem a vê:

É esse comportamento hipnótico que permite a todos vislumbrar Xuxa, através do seu carisma e capacidade de expressão midiática, sem que haja qualquer associação com o serviço que é prestado por ela a um modo de produzir. Para tanto, não importa que tipo de produto: desde uma sandália até uma declaração em uma entrevista, ou em um programa de TV. (JUNIOR, 1999, p. 13).

Ainda sobre a carreira de modelo de Maria da Graça, Junior (1999) afirma que foram as características muito peculiares da profissão de modelo, que a permitiram se transformar em um mito televisivo, pois “muitas personalidades televisivas brasileiras atuais surgiram através dessa fonte. Isso se deve ao fato de que, por ser autorreferente e por ser uma transposição do real, a imagem que a televisão vincula precisa estar ligada, de alguma forma, às representações sociais já conhecidas do grande público”. (JUNIOR, 1999, p. 14).

Para o autor, a chegada de Xuxa à televisão representou um liberalismo sexual. “A sublimação sexual torna todos cúmplices de um mesmo sentimento de carência nacional, os mitos sexuais como Xuxa, são aceitos exatamente porque são figuras inatingíveis, representantes de desejos instintivos e fantasiosos, num acordo tácito de satisfação metafísica. Essa cumplicidade avança sobre os terrenos morais, não importam os valores éticos e sociais quando a sublimação é consumada.” (JUNIOR, JUPY, 1999, p. 16). É possível observar esse liberalismo sexual na carreira da Xuxa ao longo dos anos, ensaios para revistas masculinas, participação no filme erótico e roupas insinuantes são apenas alguns dos elementos que fazem parte da trajetória de mais de 30 anos dedicados à mídia.

Xuxa iniciou a carreira televisiva na extinta TV Manchete, em 1984, na apresentação do Clube da Criança. Nessa altura, já era conhecida por conta de seus ensaios nus para revistas masculinas. De acordo com Junior (1999), nessa época Xuxa foi acusada de não saber lidar com seu público. “Dentre alguns fatos relatados, comentava-se que ela beliscava as crianças menos comportadas. Quanto ao seu passado de objeto sexual, o fato de comandar um programa

destinado às crianças era visto muito mais como curiosidade midiática do que como ameaça à formação educacional das crianças.” (JUNIOR, JUPY, 1999, p. 16).

#### 4.1 Xuxa na Globo

Foi a chegada de Xuxa à TV Globo, em 1986, que a transformou em uma das celebridades mais conhecidas, comentadas e consumidas pelo público. Junior (1999) comenta que a troca de emissora foi uma estratégia da Globo para conquistar a audiência da concorrente no horário. Nesse período, criou-se um personagem extraterrestre para a modelo/apresentadora, que passou aterrissar nas manhãs globais a bordo de uma nave espacial. Foi à frente do *Xou da Xuxa*, que ela estrearia uma nova forma específica de se fazer comunicação no país:

Xuxa tornou-se uma referência para milhares de pessoas, tornou-se parte de um cotidiano que, através da TV, acrescentava frustrações e sonhos (na maior parte das vezes, de consumo). A incorporação de valores pessoais, da criação de juízos e “verdades” através da TV é vital na compreensão do fenômeno, não só porque é através da televisão que as pessoas apreendem o mundo da forma como acham que ele é, mas porque é com a televisão que as informações visuais e comportamentais adquirem uma forma social mais intensa e participativa. (JUNIOR, JUPY, 1999, p. 19).

O sucesso a frente do *Xou da Xuxa* foi imediato e fez com que a apresentadora exportasse seu programa para diversos países de língua espanhola. Tornou-se conhecida também em Israel, Portugal e arriscou a carreira nos Estados Unidos em 1993.

Xuxa retorna ao Brasil em 1994, a partir daí diversos programas televisivos foram oferecidos ao público, alguns repetiram o sucesso conquistado pelo *Xou da Xuxa*, outros fracassaram em audiência. De acordo com Junior (1999), com o passar dos anos, houve uma necessidade da apresentadora migrar para um novo público-alvo: jovens e adolescentes que cresceram assistindo os seus programas. Para Junior (1999), esse novo formato na carreira não abandonou a expressão midiática original:

Xuxa é um fenômeno muito interessante do ponto de vista de comunicação moderna, pois, ao abolir as imagens anteriores, usando-as como revestimento para uma nova investida midiática, renovaram-se ciclos, fato que parece não incomodar muito os fãs. A aprovação tácita de uma nova investida, considerada arriscada há bem pouco tempo, não atingiu Xuxa em sua popularidade, nem a fez decair na própria mídia.” (JUNIOR, 1999, p. 23).

A contribuição de Campos (2006) nos faz refletir sobre a notoriedade de Xuxa ao longo dos anos:

A trajetória profissional de Maria da Graça Xuxa Meneghel, como modelo, apresentadora de programas infantis, cantora e atriz, constitui-se em uma das mais bem-sucedidas da história da indústria brasileira do entretenimento. Desde que o foco de seu trabalho passou a ser o universo infantil, em meados da década de 1980, Xuxa transformou-se em um dos maiores ícones da televisão, da indústria fonográfica e do cinema. O sucesso rendeu-lhe a designação de “Rainha dos Baixinhos”, e seu nome tornou-se uma das marcas mais conhecidas e consumidas do país. (CAMPOS, 2006, p. 5)

A própria Xuxa não se considera cantora, nem tampouco atriz, no entanto é visível que o sucesso conquistado ao longo dos anos permitiu que a apresentadora explorasse novas formas de se comunicar, e a necessidade dessa comunicação com seu público veio por meio da música e do cinema. Amado (2014) é mais crítico no que diz respeito à construção da imagem de Xuxa, o autor diz que ela não sabe cantar, não tem voz, não é inteligente e não possui ideias interessantes. No entanto, o autor se questiona o porquê de tanto sucesso e exploração midiática. Ele mesmo responde a pergunta, com a afirmação de que a beleza foi sempre suficiente para que Xuxa se mantivesse na mídia:

Sempre há aqueles que explicam esse sucesso como um típico fenômeno de massificação da indústria do entretenimento. Pega-se um rosto bonitinho para cantar músicas de sucesso garantido, conduzir programas com receitas vencedoras e com a máquina de audiência da Globo faz-se uma rainha. Se ela merece ou não todo esse sucesso e essa dinheirama, não interessa — o importante é consagrar o produto industrial (AMADO, 2014).

Na música, de acordo com o site oficial Xuxa.com (2014), a apresentadora em 30 anos de carreira vendeu mais de 40 milhões de discos, conquistando 217 discos de ouro, 80 de platina, 35 de platina duplos, 18 de platina triplos, 11 discos de diamante e 5 discos de diamante duplo. As vendas do disco *Xou da Xuxa 3*, de 1988, colocou o nome de Xuxa no *Guinness Book* (Livro dos Recordes), “O disco trazia os inesquecíveis hits: Ilariê, Arco-Íris, Abecedário da Xuxa e Brincar de Índio, entre outros” (XUXA.COM, 2014).

No cinema, a carreira de Xuxa também obteve o mesmo êxito alcançado pela televisão e pela música. Dos 17 filmes destinados ao público infantil, *Lua de Cristal*, de 1990, ultrapassou a marca dos 5 milhões de espectadores. Segundo o site oficial Xuxa.com (2014), “a retomada do cinema nacional fez com que Xuxa ocupasse o primeiro lugar entre os artistas brasileiros com maior bilheteria acumulada neste período.” (XUXA.COM. 2014).

Entretanto, entender o sucesso conquistado na carreira de Xuxa nos mais diversos canais da mídia é imprescindível neste estudo, para que possamos analisar e compreender a repercussão da entrevista concedida ao quadro ‘O que vi da Vida’ do programa dominical *Fantástico*.

## 5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA ENTREVISTA DE XUXA

Neste capítulo, será descrita e analisada a entrevista da apresentadora Xuxa Meneghel ao quadro ‘O que vi da Vida’ do programa *Fantástico*. Como referencial teórico para análise, será utilizada a teoria do Modo de Endereçamento no jornalismo proposto por Gomes (2007), em que sugere em um de seus operadores de análise que, dentro dessa perspectiva, o jornalismo pode assumir um pacto de conversação social, fomentando a conversa cotidiana e contribuindo com o processo de formação da opinião pública. A partir da análise, será possível observar a repercussão de entrevistas de pessoas famosas nos programas, trazendo relatos íntimos. De acordo com a Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República, a partir do depoimento de Xuxa Meneghel houve aumento nas denúncias contra abuso sexual. Na primeira semana após o depoimento, foram 285 mil novas denúncias junto ao Serviço Disque 100<sup>3</sup>.

### 5.1 Descrição da entrevista de Xuxa

Na semana que antecedia o dia 20 de maio de 2012, a Globo anunciava em suas chamadas que Xuxa faria, nesta data, um depoimento emocionado, revelador e corajoso no programa *Fantástico*. A entrevista com a apresentadora foi o ponto alto e principal assunto da atração dominical. Durante 25 minutos e 20 segundos, Xuxa lembrou momentos memoráveis de sua trajetória. Mas, a opinião pública foi surpreendida quando a apresentadora revelou que foi vítima de abusos sexuais durante a infância e adolescência.

Na introdução da entrevista, por meio da cabeça<sup>4</sup> lida no estúdio, os apresentadores Zeca Camargo e Renata Ceribelli anunciaram Xuxa como uma das apresentadoras mais queridas do país. O texto foi alternado entre os dois que resgataram a trajetória histórica da artista rumo ao estrelato. O jornalista Zeca Camargo enfatiza que o público terá a oportunidade de conhecer Maria da Graça Meneghel, nome de batismo da persona midiática Xuxa. O texto de introdução à entrevista segue abaixo:

LOC: “Uma das apresentadoras de TV mais queridas do Brasil. Uma gaúcha de origem simples, filha de militar, que há mais de 30 anos saiu do subúrbio para o estrelato. Foi

<sup>3</sup> Serviço de atendimento telefônico gratuito, que funciona 24 horas por dia, nos 7 dias da semana. As denúncias recebidas na Ouvidoria e no Disque 100 são analisadas, tratadas e encaminhadas aos órgãos responsáveis. ( SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2014).

<sup>4</sup> Introdução da reportagem; a notícia sintética; lead flash (que, quem, quando). A última frase da cabeça contém a deixa para o início do VT (Jornalismo Uniube, 2014).

modelo e depois virou atriz e cantora. Ficou famosa graças ao seu jeito todo especial de lidar com as crianças. Xuxa, a Rainha dos Baixinhos, todo mundo sabe quem é. Mas agora você vai conhecer Maria da Graça Meneghel. É um depoimento corajoso, revelador, emocionante. Aos 49 anos, Xuxa se sente pronta para contar o que viu da vida.”

Enquanto anunciavam a tão esperada entrevista, o cenário do *Fantástico* se alternava com imagens da carreira de modelo de Xuxa, como mostra a imagem abaixo:



Figura 1: Imagem de Xuxa modelo no cenário do *Fantástico*

O cenário da entrevista, que não teve a intervenção de um entrevistador, foi ambientando em uma espécie de sala, quase que um confessionário ou uma cela, onde parecia prender Xuxa para contar o que viu da vida. Porém, o cenário demonstrava que Xuxa estava confortável para fazer seu relato. As paredes escuras, com detalhes quadriculados, pareciam se esconder com a luz que era projetada no rosto de Xuxa. A luz do estúdio, conforme mostra a figura 3, foi projetada no rosto da entrevistada, e assim permaneceu durante toda a entrevista. Havia luz também no cenário, o que destacou ainda mais a noção de confessionário ou cela.



Figura 2: Cenário da entrevista



Figura 3: Luz no rosto da Xuxa

Trilhas instrumentais para compor e trazer mais dramaticidade à fala da apresentadora foram utilizadas. Em alguns momentos, pareciam tristes e se misturavam ao olhar nostálgico da entrevistada, em outros momentos a trilha foi substituída, só que dessa vez por uma mais alegre, que entrava em sintonia com o sorriso de Xuxa.

“Eu tenho orgulho de dizer que sou suburbana, mais do que sou do interior.” Foi com essa frase que a gaúcha Maria da Graça Xuxa Meneghel deu início ao seu depoimento no domingo, dia 20 de maio de 2012, talvez a declaração soou como cinismo aos conterrâneos de Xuxa, moradores da cidade de Santa Rosa no noroeste gaúcho, mas como já foi descrito nesta monografia, a apresentadora saiu aos 7 anos do município gaúcho, as lembranças mais concretas são da vida em Bento Ribeiro, no subúrbio do Rio de Janeiro.

Os assuntos relatados por Xuxa (infância, amores, começo, preço da fama, família, a luta) eram apresentados por meio de caracteres na tela, uma espécie de vinheta<sup>5</sup> surgia, a trilha aumentava, e em seguida a entrevistada começava a falar sobre o assunto proposto:

<sup>5</sup> As vinhetas são construídas muitas vezes com base nos logotipos ou logomarcas de um determinado produto (telejornal) ou de uma empresa (emissora). (SCHIAVON, 2008, p. 21).

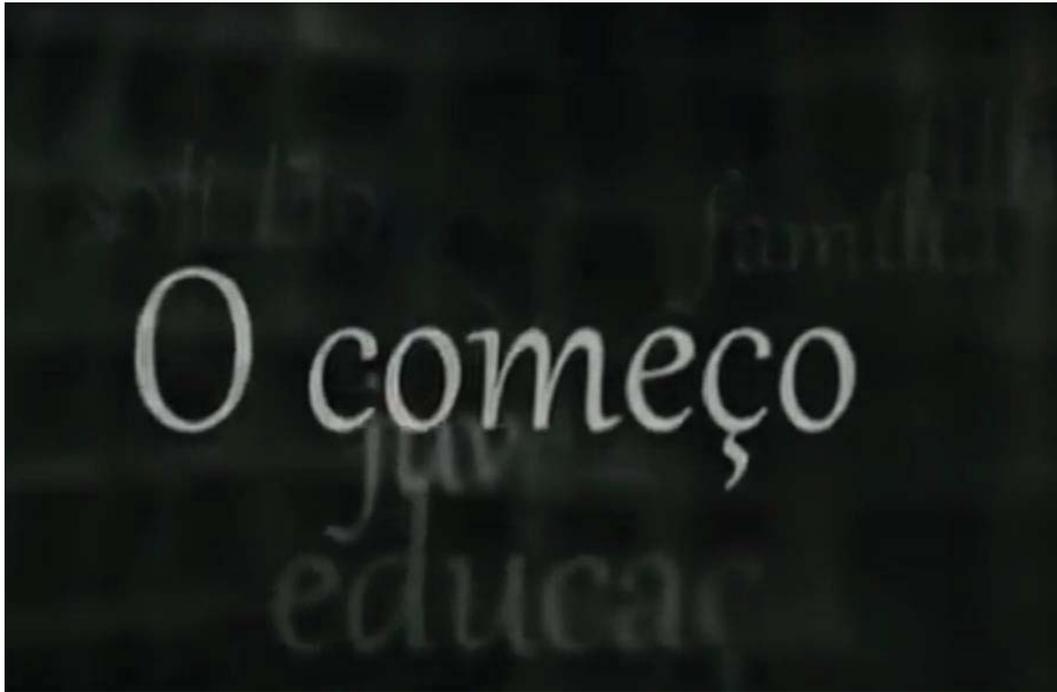


Figura 4: Sugestão dos assuntos que serão relatados por Xuxa.

A utilização dessas vinhetas aponta que o conteúdo narrado por Xuxa, mesmo não havendo a intervenção de um entrevistador, pudesse ter sido combinado com a direção da atração. Os caracteres na tela não apareceram quando Xuxa falou de Pelé, Ayrton Senna e Michael Jackson, sem citar nomes, a produção do programa resgatou fotos antigas, em que a apresentadora aparecia com essas pessoas.

Criou-se uma relação íntima com o telespectador, evidenciada ainda mais pela ausência de um entrevistador. Na maior parte do tempo Xuxa olhou fixamente para a câmera, como se estivesse olhando nos olhos de quem a assistia. Sorrisos e gargalhadas ganharam intensidade ao relembrar os momentos cômicos vividos por ela. Nota-se que foi utilizada duas câmeras para captar o depoimento, em alguns momentos, naqueles que houve emoção, a captura da imagem fechava ainda mais no rosto da apresentadora, os cortes de câmera se alternavam também com o enquadramento de perfil de Xuxa.



Figura 5: Enquadramento rosto de Xuxa



Figura 6: Segundo enquadramento rosto de Xuxa



Figura 7: Enquadramento perfil de Xuxa

A cada lembrança suscitada por Xuxa durante a entrevista, a voz da apresentadora se calava, em alguns momentos a trilha se silenciou, evidenciado teor de dramaticidade do que viria a ser relatado.

Conforme descrito nesta monografia e evidenciado durante a entrevista, Xuxa se tornou um fenômeno da comunicação de massa. A apresentadora relatou durante o depoimento que no auge do sucesso a liberdade de fazer as coisas se tornou bastante limitada: “Eu não tive liberdade, não tive privacidade nenhuma por um tempo, antes de eu entrar em qualquer lugar as pessoas tinham que entrar antes para ver se não tinha ninguém escondido dentro dos armários e muitas vezes encontravam. Esse é o preço da fama, a falta de liberdade.”

Antes de revelar ter sido vítima de abuso de sexual, Xuxa descreveu, de forma íntima, como ocorre a reação dos homens com quem se relaciona: “Em quatro paredes eu dependo muito do “cara”, as pessoas que me conhecem dizem eu não achava que eu fosse assim.” Finaliza fazendo analogia às suas músicas: “As pessoas me dizem: “Eu não pensava que você era assim!”, o que será que eles esperam? *“Tá na hora, tá na hora de brincar”* ou talvez *“Bom estar com você, brincar com você”*, finaliza com muitos risos.

“Eu fui abusada!” Foi com esta sonora declaração que Xuxa deu início ao relato que parece ter mais perturbado sua infância e adolescência. “Eu sei o que uma criança sente, a gente se sente suja.” Acrescenta a apresentadora: “Não foi uma vez, foram várias vezes e em situações diferentes, ao invés de eu falar, eu sentia vergonha! Parou aos 13 anos, quando eu consegui fugir. Eu me lembro que tudo isso acontecia e eu não podia fazer nada (emocionada). Foi com o melhor amigo do meu pai, foi com a pessoa que ia casar com a minha avó, também com o professor.” Xuxa justifica a razão de resolver falar sobre o assunto, segundo ela, o motivo de tal declaração é em prol das crianças: “É um sonho, o sonho de um dia nenhuma criança sofrer.”

No que diz respeito a edição, nota-se que foram resgatadas imagens do começo de carreira e da infância de Xuxa para ilustrar tais momentos, narrados por ela durante a entrevista.

## **5.2 Análise da entrevista**

Tendo em vista a notoriedade conquistada por Xuxa nos mais diversos canais da mídia e a repercussão causada por conta de seu depoimento ao quadro ‘O que vi da Vida’ do programa *Fantástico*, esta monografia terá como metodologia de análise o Modo de

Endereçamento proposto por Gomes (2007), sugerindo que é a “interpretação do modo como os programas televisivos constroem sua relação com os telespectadores”. A partir deste conceito, será utilizado o operador de análise que diz respeito ao pacto sobre o papel do jornalismo, que para a autora, refere-se “à forma como o programa lida com as premissas, valores, normas e convenções que constituem o jornalismo como instituição social, ou seja, como lida com as questões de objetividade, imparcialidade, factualidade, interesse público, responsabilidade social, liberdade de expressão, atualidade e quarto poder” (GOMES, 2007, p. 20).

Para analisar a entrevista concedida por Xuxa ao quadro ‘O que vi da Vida’ do programa *Fantástico*, será utilizado o operador de análise descrito acima, com intuito de identificar o processo de fomento e contribuição do jornalismo para a formação da opinião pública, bem como a utilização de celebridades para trazerem alertas de questões sociais através de depoimentos vivenciados por elas, no caso de Xuxa, os abusos sexuais sofridos durante a infância e adolescência. Para aprofundar esse assunto, a análise também vai considerar as definições da Teoria do Agendamento, propostos por Mainenti (2012).

*O pacto sobre o papel do jornalismo* sugere que “a relação entre programa e telespectador é regulada, com uma série de acordos tácitos, por um pacto sobre o papel social do jornalismo” (GOMES, 2007, p. 36). A pesquisadora comenta que esse é o pacto que dirá ao telespectador o que ele deve esperar ver no programa. Neste caso, foi o depoimento revelador de Xuxa, conforme anunciado pela Globo em suas chamadas.

Tendo em vista as premissas propostas pelo *pacto sobre o papel do jornalismo*, podemos considerar.

## **1. Objetividade**

Gomes (2006) traz em seus estudos sobre telejornalismo brasileiro que a objetividade “na nossa concepção, é uma construção e não uma representação fiel da realidade” (GOMES, 2006, p. 5). Diante desse contexto, pode-se dizer que Xuxa construiu por meio do depoimento as lembranças vividas por ela. A entrevista de Xuxa ao quadro ‘O que vi da vida’ do *Fantástico* não apresentou objetividade por conta do tempo que permaneceu no ar. Foram 25 minutos e 20 segundos dedicados ao depoimento de Xuxa, algo que representa muito na televisão, já que os telejornais buscam ser mais objetivos possíveis por considerar o tempo um imenso fator na produção do programa. Além disso, foram vários temas tratados de forma

conjunta, o que pode ter contribuído para confundir o telespectador, prejudicando a objetividade da entrevista.

## **2. Imparcialidade**

Se considerarmos as definições de imparcialidade sugeridas por Gomes (2006), que explica que elas estão relacionadas à um modelo de jornalismo. “É neste modelo de jornalismo que as distinções entre fato e ficção, informação e entretenimento tornam-se úteis” (GOMES, 2006, p. 5). Esse quesito pareceu pouco importar no depoimento de Xuxa”. Alguns fatos vividos por ela não foram narrados, tais como: participação em filme erótico, ensaios nus para revistas masculinas e entre outros. A própria produção do *Fantástico* buscou valorizar a imagem de Xuxa, desde a introdução da entrevista, em que os apresentadores fizeram menção ao sucesso conquistado, colocando-a num patamar sólido de prestígio, fama e dinheiro.

## **3. Factualidade**

Apesar de um programa caracterizado como revista eletrônica não se propor a ser factual, a entrevista foi factual, pois mesmo a Globo não anunciando e nem tampouco a Xuxa, nota-se que o depoimento exibido no dia 20 de maio de 2012, de acordo com site G1 (2014) foi ao ar dois dias após sanção da lei Joana Maranhão<sup>6</sup>, que leva o nome da atleta, também abusada sexualmente durante a infância por um treinador, e que altera o tratamento da justiça aos casos de abuso e pedofilia. Conforme a página ‘Quebrando o Silêncio’, o dia 18 de maio (dois dias antes da veiculação do depoimento de Xuxa) é destinado para alertar a sociedade brasileira contra a exploração sexual de crianças e adolescentes.

## **4. Interesse Público:**

Para Gomes (2006), interesse público é um dos principais valores-notícia no telejornalismo. “Ele parece regular a prática profissional e a ele se recorre para argumentar a favor da própria legitimidade do jornalismo (GOMES, 2006. p. 5).

Nota-se que houve interesse público em assistir a Xuxa na noite do dia 20 de maio de 2012, pois celebridades com o nome tão forte quanto de Xuxa geram curiosidade na massa,

---

<sup>6</sup> Lei altera Código Penal para que a contagem do prazo de prescrição nos crimes contra dignidade sexual praticados contra crianças e adolescentes comece a ser contado da data em que a vítima completar 18 (dezoito) anos de idade, salvo se a ação penal tiver já iniciado em data anterior. (Ministério Público do Estado do Paraná, 2014).

além disso a apresentadora trouxe à tona o relato de que teria sido vítima de abusos sexuais. “Xuxa sacudiu uma sociedade que não gosta de ser sacudida nem incomodada. A imprensa tem o dever de ajudá-la a derrubar a hipocrisia” (Observatório da Imprensa, 2014). Como cita Amaral (2008), os valores-notícia dentro do jornalismo de Infotainment perpassam todo o processo de produção jornalística e não são apenas critérios de relevância de um fato.

## **5. Responsabilidade Social**

Em seus estudos sobre telejornalismo no Brasil, Gomes (2006) caracteriza o jornalismo na televisão como instituição social, pois “é uma construção social, no sentido de que ele se desenvolve numa formação econômica, social, cultural particular e cumpre funções fundamentais nessa formação”. No que diz respeito à responsabilidade social, a entrevista de Xuxa atendeu a esse critério, pois ao revelar ter sido vítima de abuso sexual, a apresentadora trouxe um alerta à sociedade. Nota-se que o depoimento de Xuxa teve uma contribuição significativa à sociedade sobre a temática dos abusos sexuais. “As declarações da apresentadora tiveram um impacto enorme na imprensa e nas redes sociais, por meio das quais Xuxa recebeu milhares de manifestações de solidariedade” (VEJA, 2014).

## **6. Liberdade de Expressão e Opinião**

Durante a entrevista, nota-se que Xuxa teve a liberdade de expressão e de opinião, pois trouxe declarações muito íntimas de sua vida particular e pública. Mas, se considerarmos a repercussão da entrevista, a liberdade de expressão e opinião utilizadas durante o depoimento não tiveram efeitos, pois Xuxa foi hostilizada e acusada em diversos meios da mídia. Talvez essa liberdade de expressão fosse diluída se o quadro contasse com a participação de terceiros nos assuntos narrados por Xuxa. A edição final passou ao telespectador a ideia de que a apresentadora estivesse sozinha no estúdio. O fato de parecer solitária no local e sem intervenção de terceiros contribuiu para a construção do perfil. Por estar sozinha em frente à câmera, a entrevista evidenciou ainda mais a ideia que Xuxa pudesse estar conduzindo o seu depoimento sem o apoio de ninguém.

## **7. Atualidade**

Mesmo narrando assuntos vividos no passado, a entrevista de Xuxa apresenta atualidade. Por ser uma revista eletrônica, o *Fantástico* não assume compromisso com a

atualidade. As reportagens apresentadas podem ser o resumo da semana ou reflexões de fatos que já aconteceram.

## 8. Quarto poder

Para Gomes (2006), a definição de quarto poder está relacionada à autonomia da imprensa, ou seja, “o direito à liberdade de expressão, o compromisso com interesse público, o caráter público ou privado da empresa jornalística” (GOMES, 2006, p. 5). Entretanto o site Observatório da Imprensa vai além nas definições de quarto poder, “refere-se ao poder dos meios de comunicação quanto à sua capacidade de manejar a opinião pública, a ponto de ditar regras de comportamento, influenciar as escolhas dos indivíduos e da própria sociedade.” (OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA, 2014).

Nota-se que a repercussão da entrevista da Xuxa ao quadro ‘O que vi da vida’, do *Fantástico*, trouxe à sociedade reflexões muito importantes no que tange ao assunto dos abusos sexuais. A entrevista serviu de base para outros debates, produção de novas reportagens e de acordo com a Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência, as denúncias aumentaram em 30% junto ao serviço que recebe esse tipo de denuncia, o Disque 100, o que representa 286.000 denúncias, logo na primeira semana após a revelação da apresentadora. “A Secretaria de Direitos Humanos da Presidência agradeceu Xuxa pela sua contribuição a favor da infância e contou que o telefone habilitado para esse tipo de denúncias nunca tinha recebido tantas chamadas como nesta semana” (VEJA, 2014). Isso aponta que a população foi mobilizada e influenciada por conta da declaração da apresentadora.

Se levarmos em conta as definições sugeridas pela Teoria do Agendamento<sup>7</sup>, *Agenda Settings*, pode-se observar que ao revelar ter sofrido abusos sexuais, Xuxa trouxe uma contribuição significativa à sociedade, que foi influenciada por meio de seu relato a denunciar essa prática. Em seus estudos sobre a Teoria do Agendamento, Mainenti (2012) ainda evidencia que o agendamento ocorre a partir da importância que os veículos de comunicação dão ao assunto, por meio da repetição de determinada notícia o público acaba por decidir quais as pautas serão mais relevantes, “a ligação com o público, pondo um assunto ou tópico na agenda pública de forma que ele se torna o foco da atenção e do pensamento público - e até da ação - é o estágio inicial na formação da opinião pública”.

---

<sup>7</sup> A Teoria do Agendamento, segundo Mainenti (2012), “é um sumário sucinto sobre muito conhecimento e informação que cada um de nós possui sobre assuntos públicos, porque a maior parte dos assuntos e preocupações que despertam nossa atenção não estão disponíveis à nossa experiência direta pessoal.” (MAINENTI, 2012, p. 2)

Nota-se que a entrevista de Xuxa ao quadro ‘O que vi da Vida’, do *Fantástico*, agendou na opinião pública<sup>8</sup>, especialmente no que se refere ao assunto dos abusos sexuais, a discussão por diversos dias. O relato de Xuxa se tornou centro das atenções. Além de ter repercussão instantânea nas redes sociais, a entrevista pautou outros telejornais, que evidenciaram a coragem de Xuxa ao fazer tal declaração. Tomamos, nesta monografia, dois exemplos de telejornais que agendaram a declaração da Xuxa. Um dia após a declaração de Xuxa, o Jornal Nacional, também exibido pela TV Globo, retomou o assunto. Durante a reportagem foi alertada as formas de se fazer a denúncia, foram entrevistados psicólogos, juiz e pediatra. O Jornal do SBT, exibido pela emissora que leva o mesmo nome do telejornal, também no dia 21 de maio de 2012, produziu uma reportagem alertando sobre a importância de se fazer a denúncia, dados apresentados na matéria demonstram que uma a cada dez meninas são abusadas, e que o agressor, geralmente, são pessoas próximas do convívio dessas crianças e que sentem medo de denunciar. Outras emissoras também pautaram o assunto.

*O pacto sobre o papel do jornalismo* aponta também a análise dos recursos técnicos que são utilizados nos telejornais. No caso da entrevista de Xuxa, observa-se que foram utilizadas trilhas durante toda a entrevista, as músicas tristes traziam dramaticidade à fala da apresentadora. Ainda nesse panorama é possível notar que, para dar dinamismo à entrevista, foram utilizadas duas câmeras que se alternavam de acordo com o depoimento de Xuxa. Na edição, foi utilizada uma vinheta de abertura, além dos caracteres de sugestão dos assuntos abordados pela entrevista, também foram resgatadas imagens antigas de Xuxa para ilustrar os momentos lembrados por ela. Para Gomes (2007), “[...] as tecnologias de imagem e som colocadas a serviço do jornalismo, o modo como exibem para o telespectador o trabalho necessário para fazer a notícia são fortes componentes da credibilidade do programa e da emissora e importante dispositivo de atribuição de autenticidade”

Conforme Gomes (2007), *o pacto sobre o papel do jornalismo* sugere que telespectador aparece de três maneiras nos programas jornalísticos “quando ele é afetado pelas notícias, quando ele próprio se transforma em notícia, [...] quando ele autentica a cobertura noticiosa”. No caso da entrevista da Xuxa, o telespectador foi afetado pelas notícias, pois Xuxa por meio de seu relato trouxe uma reflexão, a partir da declaração de abusos sexuais. Além disso, a população passou a denunciar essa prática, pois de acordo com a Secretaria do Direitos Humanos da Presidência República as denúncias alcançaram números surpreendentes após a revelação de Xuxa, representando 30% a mais de novas denúncias.

---

<sup>8</sup> A opinião é um fenômeno social. Existe apenas em relação a um grupo, é um dos modos de expressão desse grupo e difunde-se utilizando as redes de comunicação do grupo.

Por conta da repercussão causada por Xuxa ao quadro ‘ O que vi da Vida’, do *Fantástico*, o Jornal Extra do Rio de Janeiro publicou no dia 22 de maio de 2012, dois dias após a declaração da apresentadora, uma entrevista com o diretor responsável por conduzir a atração, Claudio Manoel. Segundo ele, o relato de ter sofrido abuso sexual aconteceu de forma muito espontânea por parte da entrevistada: “A Xuxa está numa campanha contra o abuso infantil. Tinha a necessidade de romper o silêncio. Comecei perguntando da infância, da carreira, dos amores... Quando ela entrou na questão do abuso, não deu para sair dali. Não tinha como voltar e dizer: "Ah, esqueci de perguntar: ‘E a Marlene Mattos?’” (JORNAL EXTRA, 2014).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável que Xuxa tenha se transformando numa das celebridades mais amadas, consumidas e desejadas da televisão brasileira, ao mesmo tempo em que é muito odiada e criticada por conta da participação em produções duvidosas do início de carreira, como ensaios para revistas masculinas e também envolvimento no elenco de filme erótico. Mas, o sucesso conquistado ao longo das décadas se deve a uma soma de fatores midiáticos e sociais. Aos 50 anos, Xuxa ainda mantém uma carreira sólida, que se comparada ao que foi na década de 80 e 90, hoje pode-se dizer que segue de maneira mais lenta. Talvez, os pequenos súditos, que a deram o título de Rainha dos Baixinhos, hoje em dia já não mais a veem com esse poder de nobreza. Mas, ao declarar ter sido vítima de abusos sexuais durante a entrevista ao quadro ‘O que vida da Vida’, do *Fantástico*, revelou-se uma Xuxa ainda muito persuasiva e com poder de sedução intacto diante da massa, a partir desse depoimento, a repercussão foi imediata, atingiu todas as esferas da mídia e fez com que público reagisse de maneira diferente diante dos assuntos relacionados aos abusos sexuais.

As considerações apresentadas nesse estudo por conta do depoimento de Xuxa confirmam que, ao relatar ter sofrido abusos sexuais na infância e adolescência, a apresentadora conseguiu atingir os telespectadores, pois eles passaram a denunciar o problema. O assunto foi tão discutido e noticiado, que gerou na primeira semana após a veiculação do relato de Xuxa mais de 285 mil denúncias junto ao Serviço Disque 100. Como o operador de análise utilizado nesta monografia, *O pacto sobre o papel do jornalismo* e as definições da Teoria do Agendamento, sugerem que é o processo como as notícias afetam e influenciam a massa, como por exemplo, a maneira que a informação vai chegar até o público. Dessa forma, pode-se considerar que esse estudo chegou ao seu objetivo, que era entender como uma celebridade pode se utilizar do jornalismo para alertar à sociedade de problemas íntimos vivenciados em seu cotidiano, pois as premissas propostas pelo *pacto sobre o papel do jornalismo*: objetividade, imparcialidade, factualidade, interesse público, responsabilidade social, liberdade de expressão e de opinião, atualidade e quarto poder demonstraram que o jornalismo é uma construção social, que forma uma ligação entre telespectador e programa, e, além disso, a recepção do público por determinado assunto é uma série de fatores que estão relacionados desde os recursos técnicos até as considerações de verdade e pertinência da notícia. A entrevista de Xuxa foi pertinente à audiência e também pelo uso dos inúmeros recursos de edição (trilhas, cortes de câmera, iluminação) conseguiram trazer mais dramaticidade ao telespectador que assistiu a Xuxa no dia 20 de maio de 2012.

A entrevista teve caráter de entretenimento, pois foi exibida dentro de uma revista eletrônica e isso ficou ainda mais evidenciado pelo fato de se utilizar de uma pessoa famosa para tal relato. Conforme visto nesta monografia, revistas eletrônicas também tem caráter jornalístico, pois em seus formatos demonstram que podem informar e entreter ao mesmo tempo. Visto que o jornalismo tem por caráter informar, entreter e formar a opinião pública.

Se houve uma tentativa em resgatar a imagem de Xuxa, conforme foi noticiado em diversos meios de comunicação na época em que foi veiculada a entrevista, esse estudo aponta que o depoimento da apresentadora atingiu outro viés. Conforme já visto nesta monografia, o depoimento da famosa apresentadora de televisão, fez com que aumentasse as denúncias sobre abuso sexual. A partir dessa comoção causada pela conhecida Rainha dos Baixinhos na audiência do *Fantástico*, podemos considerar que “Xuxa é apenas mais um personagem onde são depositadas as esperanças e os anseios mais íntimos”. (JUNIOR, 1999. p. 32). Diante disso, é notável que Xuxa é uma das celebridades brasileiras com grande poder de sedução diante da massa, portanto a entrevista veiculada no quadro ‘O que vi da Vida’ do *Fantástico*, gerou polêmica, foi recorde de audiência, foi notícia durante dias nos telejornais brasileiros, foi assunto de discussão e debate, mas alertou e estimulou a população a denunciar os abusos sexuais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Roberto. *30 anos de sucesso de Xuxa, a rainha sem o menor talento*. Disponível em: < <http://robertoamado.com.br/30-anos-de-sucesso-de-xuxa-a-rainha-sem-o-menor-talento/>> Acesso em: out. 2014.
- AMARAL, Márcia Franz. *Os (des)caminhos da notícia rumo ao entretenimento*. In: Estudos em Jornalismo e Mídia . Ano V, n° 1, 1° semestre de 2008. Revista Acadêmica Semestral - Programa de Mestrado em Jornalismo e Mídia da Universidade Federal de Santa Catarina. 1° edição.
- ARONCHI DE SOUZA, José C. *Gêneros e formatos na televisão brasileira*. São Paulo: Summus, 2004.
- AUCAR, Bruna. ROCHA, Everardo. *Fantástico, o show da vida: televisão, convergência e consumo*. In: Alceu. 2011.
- AUGRAS, Monique, *Opinião pública*. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.
- BAMBA, Mahomed. *O campo discursivo dos mini-documentários sobre a condição diaspórica no cinema brasileiro*: In: Número Temático: Literatura, cultura e memória negra. A Cor das Letras – UEFS. 2011.
- BARBOSA, Carlos Marialva. *A história da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje*. São Paulo: Contexto. 2012.
- CAMPOS, Celso Pedro. Gêneros do jornalismo e técnicas de entrevista. In: *Estudos de jornalismo e mídia*. Ano VI, n° . PP. 127. 2009.
- CAMPOS, Vanessa Patricia Monteiro. (Dissertação) *Querer, poder e conseguir: o processo da socialização para o consumo: o caso Xuxa*. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2006.
- CAPUTO, Stela Guedes, *Sobre as entrevistas: teoria, práticas e experiências*. São Paulo: Vozes, 2006.
- CURADO, Olga. *A notícia na televisão*. São Paulo: Alegro, 2002.
- DAMIANI, Bronze Wagner. *Televisão Digital (Novas Mídias)*. (Relatório de pesquisa), 2003.
- DEJAVITE, Fábila A. *INFOtenimento: informação + entretenimento no jornalismo*. São Paulo. Paulinas/Sepac. 2006.
- EMERIM, Cárilda, *As notícias na entrevista para televisão*. São Paulo: Argos, 2012.
- EXTRA, *Claudio Manoel conta como Xuxa sofreu abuso sexual*. Disponível em: < <http://extra.globo.com/famosos/claudio-manoel-conta-como-xuxa-revelou-abuso-sexual-4964908.html> > Acesso em: nov. 2014.

G1, *Xuxa revela ter sofrido abusos sexuais até os 13 anos de idade*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/05/xuxa-revela-ter-sofrido-abusos-sexuais-ate-os-13-anos-de-idade>> Acesso em: out. 2014.

GOMES, Itania M. M. . *Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise*. In: E-Compós (Brasília), v. 8, p. 1-31, 2007.

GOMES, Itania M. M. . *Telejornalismo de Qualidade. Pressupostos teórico-metodológicos para análise*. In: E-Compós (Brasília), v. 6, p. 1-22, 2006.

GOMES, Luana, *É Fantástico! Gênero e modos de endereçamento no telejornalismo show*. Salvador: Editora EDUFBA, 2011.

JUNIOR, Jupy. *A Rainha Sensual: Uma análise do fenômeno Xuxa*. In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro. 1999.

Maxwell McCombs, In: MAINENT, Geraldo Márcio Peres, *A teoria da Agenda: a Mídia e a Opinião Pública*. 2012.

MEMÓRIA GLOBO, *Fantástico*. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programasjornalisticos/fantastico.htm>> Acesso em: set. 2014

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ, *Lei nº 12.650/2012, de 17 de maio de 2012 - Lei Joanna Maranhão*. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/modules/noticias/article.php?storyid=204>. Acesso em: Outubro de 2012.

NASCIMENTO, de Souza Vanderson, *Entretanalismo: Quando o humor se torna notícia*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Jornalismo) – Universidade de Coimbra, 2010.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. *O “quarto poder se assanha”*. Disponível em: [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/\\_ed727\\_o\\_quarto\\_poder\\_se\\_assanha#](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed727_o_quarto_poder_se_assanha#)

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. *Repercussão do caso Xuxa*. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/observatorio/episodio/repercussao-do-caso-xuxa>> Acesso em: out. 2014.

PARANHOS, Verena, *Personalidades dão depoimentos sobre suas vidas no Fantástico*. Disponível em: [http://telejornalismo.org/wp-content/uploads/2009/10/critica-o-que-vi-da-vida\\_fant%C3%A1stico.pdf](http://telejornalismo.org/wp-content/uploads/2009/10/critica-o-que-vi-da-vida_fant%C3%A1stico.pdf). Acesso em: out. 2014.

PORTAL DA IMPRENSA. *“Fantástico” bate recorde de audiência no ano com entrevista de Xuxa*. Disponível em: <<http://portalimprensa.com.br/noticias/brasil/49963/fantastico+bate+recorde+de+audiencia+n+o+ano+com+entrevista+de+xuxa>> Acesso em: out. 2014.

SCHIAVONI, Esther Jaqueline. *Vinheta: uma questão de identidade na televisão*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Paulista Julio de Mesquita Filho, São Paulo 2007.

SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS DA PRESIDÊNCIA REPÚBLICA. *Disque 100 - Disque Direitos Humanos*. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/disque-direitos-humanos/disque-direitos-humanos>. Acesso em: Outubro de 2014.

SODRÉ, Muniz, *Monopólio da Fala*. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

TELEJORNALISMO UNIUBE, *Térmicos Técnicos*. Disponível em: <http://telejornalismouniube.blogspot.com.br/2010/03/termos-tecnicos.html> Acesso em: out. 2014.

TV FOCO, *Casseta vai entrevistar celebridades em novo quadro do Fantástico*. Disponível em: <http://otvfoco.com.br/audiencia/casseta-vai-entrevistar-celebridades-em-novo-quadro-do-fantastico/> Acesso em: set. 2014.

WOLTON, Dominique, *Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão*. São Paulo: Ática, 1996.

XUXA.COM, site oficial. Disponível em: <http://xuxa.globo.com/> Acesso em: set. 2014.

## ANEXO

### 1. Descrição completa da entrevista de Xuxa

“Eu tenho orgulho de dizer que eu sou suburbana, mais até do que ser do interior, eu sou do subúrbio. Quando eu me lembro de Bento Ribeiro , me vem o trem, me vem eu tomando banho de sol na laje. São coisas que não saem da minha cabeça, eu adoro!

Dos cinco irmãos, a minha irmã Sola era um pouco distante de mim, a Mara era muito mandona, o “Cira” quase não falava comigo. Blad que cuidava de mim o tempo todo.

Eu tenho essas coisas: mãe muito presente, pai não presente. A mãe dando muito carinho. A gente recebia beijo do pai só no Natal e Ano Novo. E o meu pai, que era uma pessoa militar, distante, a gente tinha que chamar de Seu Meneghel. A gente nunca falava 'pai', era sempre 'o senhor quer isso, o senhor quer aquilo'. Faltava quase bater continência para ele.

Quando estava voltando da ginástica olímpica, um garoto estava sentado do meu lado no trem, ele estava com bastante revista, e eu fiquei olhando. Chegou uma hora e eu falei: 'Posso olhar uma?'. E minha irmã me olhou com uma cara do tipo: 'Você vai puxar assunto com um cara que tu nem conhece no trem?'. E aí eu pedi desculpa, mas o cara me mostrou um monte de revista. E eu fiquei lá olhando as revistas, adorei. E aí ele chegou e falou: 'Você gostaria de ser modelo?'. Eu tinha 15 anos. Eu falei: 'Não. Não sou bonita. Não sou fotogênica'. Eu desci em Bento Ribeiro e ele me seguiu. Aí fui até em casa e depois de um tempo ele bateu na porta. Ele mostrou a identidade e disse: 'Eu trabalho na editora Bloch, mas eu trabalho no arquivo, arquivando revista. 'Você não tem nenhuma foto que você possa me dar?'. Eu chamei minha mãe e ela disse: 'Não, ela não quer isso'. E eu falei: 'Ah, mãe, eu não quero porque todo mundo acha que eu sou feia, mas eu acho que eu quero'. Aí ela perguntou: 'Você quer?'. Eu sempre gostei de aparecer.

Quando eu comecei a fotografar com 16 anos, foi uma coisa estrondosa. As pessoas começaram a me chamar demais para fazer fotografia. Então com 16, 17 anos eu já sustentava a minha família.

Uma vez, também falar de um trabalho que eu estava fazendo, veio o Maurício Sherman, olhou pra mim e falou: 'Quer trabalhar em televisão?'. Eu falei: 'Caraca, como assim trabalhar em televisão?'. 'Você tem uma coisa de Peter Pan, você tem uma coisa da Marilyn Monroe, tem o sorriso da Doris Day. Eu acho que criança vai gostar'. Eu falei: 'Mas tem certeza?'.

Nunca fui muito namoradaira. Me arrependo hoje. Acho que eu deveria ter aproveitado mais. Mas eu chamava atenção mais de homens, dos maiores. E isso me deu muito problema.

Eu tinha 17, fui fazer a capa de uma revista e era 'Minha liberdade vale ouro'. E ele mandou chamar uma morena, uma loira, uma negra e uma ruiva. Todas vestidas de dourado. A morena era a Luiza (Brunet), a loira era eu. Só que na foto ele (Pelé) virou um pouco mais pra mim, então ele saiu com a mão mais me tocando. E as pessoas queriam saber quem era essa pessoa que ele saiu mais virado. E começaram a falar que a gente estava namorando, e eu não estava namorando ele.

Ele tinha convidado todo mundo para sair depois dessa foto. Na realidade ele gostou foi da Luiza. Mas a Luiza era casada. Aí ele começou a conversa comigo, ligava bastante, queria falar com a minha mãe, mandava flores para minha mãe. E as pessoas começaram a falar cada vez mais. E um dia ele me deu um beijo. Me deu um frio na barriga, aí eu achei que estava gostando dele. E ele foi uma pessoa muito importante pra mim, eu gostei muito dele. Aprendi muita coisa boa, muita coisa ruim. Eu fiquei seis anos com ele. Ouvia muita gente falar que era porque ele era conhecido, ser famoso. Esse foi um dos motivos que eu quis me separar dele logo no início quando eu vi que estava gostando de verdade dele. Pena que eu era muito nova e ele muito conhecido e bem mais velho e não deu valor a isso.

Um dia eu olhei uma revista e estava o Senna numa fazenda. E eu pensei: 'Olha só, um cara que gosta de bicho que nem eu, um cara com grana que não vai querer minha grana, um cara conhecido que não vai querer se aproveitar de mim, mas já tem namorada'.

E aí demorou uma semana, dez dias, ele ligou para a Globo, para tudo que era lugar, para me procurar. Atendi o telefone e ele disse: 'Eu quero te conhecer'. E eu não podia falar: 'Não, não quero', porque eu tinha falado há pouco tempo, para todo mundo ouvir, que eu queria conhecer o cara. Aí eu falei: 'Mas eu tenho um show para fazer'. E ele disse: 'Mas eu vou mandar o meu aviãozinho te buscar'. E eu disse: 'Eu não ando de aviãozinho porque eu passo mal'. E ele disse: 'Não fica chateada não, mas eu tenho um avião um pouquinho maior'.

A gente se olhou, em vez de se cumprimentar a gente se tocou. A gente em vez de se beijar, a gente meio que se cheirava. Ele tinha um astral muito diferente. A gente ficou conversando horas e ele falou pra mim: 'O que você vai fazer amanhã?'. E eu disse: 'Vou ver minha avó'. Aí ele falou: 'Vou conhecer a sua avó então'. Ele era muito rápido nessas coisas, mas a gente ficou se falando por uns 15 dias. Falando mesmo, não teve beijo, não teve nada, se conhecendo. Até achei esquisito: 'Gente, será que ele não está interessado?' Porque eu já estava muito interessada.

Mas quando a gente ficou junto, a gente não se largou, foi um negócio muito doido. Era como se tivesse uma coisa que encaixa de uma maneira tal. Ele gostava das coisas que eu gostava, das mesmas cores, não gostava das frutas que eu também não gostava. Eu sempre gostei de correr e eles sempre gostou de criança. Então se eu fosse homem eu queria ser corredor e ele dizia que se ele fosse mulher ele gostaria de ter a profissão que eu tinha. Então parecia que a gente se completava de uma maneira. Eu estava trabalhando muito e ele trabalhando muito também. Aí eu me separei dele, a gente se separou. A única pessoa que eu pensei realmente em me casar foi com ele. E eu achei que iria reencontrá-lo e que a gente ia ficar junto.

Ele morreu num domingo. No sábado, eu falei assim: 'Onde é que ele vai correr?', por que eu vou atrás dele'. Aí todo mundo: 'Mas ele tá namorando'. Eu disse: 'Eu sei, mas eu vou atrás dele, vou olhar pra ele e vou ver se eu sinto tudo isso que eu acho que eu sinto e se ele ainda sente alguma coisa por mim e a gente vai ficar junto'. Aí no domingo ele foi embora. Tem muita gente que passa nessa vida sem conhecer uma pessoa que se encaixa desse jeito. Se existe a palavra alma gêmea, a minha alma gêmea estava ali na minha frente. Ele tinha tudo que eu queria, até eu desconfiava. 'Não pode ser, esse cara deve ter lido o que eu gosto de alguém assim', porque ele fazia tudo que eu queria, ele tinha o cheiro que eu queria. Não pode ter tudo numa pessoa só. Tem que ter defeito, e eu não conseguia. A gente ficou dois anos juntos, um ano e oito meses. Depois a gente se separou e ficou mais dois anos se vendo quase sempre. Um dia a gente vai se encontrar de novo.

Eu não tinha liberdade nenhuma, eu não tive privacidade nenhuma por um bom tempo. Antes de eu entrar em qualquer lugar as pessoas tinham que entrar na frente pra ver se tinha gente embaixo da cama, dentro dos armários e muitas vezes encontravam gente no armário, gente embaixo da cama. Até hoje eu acho que o preço mais alto é isso. Eu não tenho liberdade pra fazer as coisas que eu gostaria de fazer às vezes. Eu não me privo de ir a um shopping, eu não me privo de fazer compras, mas é meio que quase um evento. Às vezes eu atrapalho as pessoas, às vezes as pessoas nas lojas se sentem mal porque muita gente começa a querer entrar, quebrar, arrebentar. Então eu me sinto muito mal com tudo isso. Se eu vou num lugar público, eu acabo atrapalhando, seja o que for. Uma vez o Mickey veio falar comigo, falou que me amava, escreveu, porque eles não podem falar. E foi correndo chamar a Minnie. E minha filha do lado: 'Pô, mãe, até o Mickey e a Minnie'. 'Pô, Sasha, desculpa'.

Esse é o preço que eu pago. As pessoas que têm a liberdade de ir e vir e fazer as coisas que eu não posso fazer, não podem viver o que eu vivo, não podem ter o que eu tenho. Então eu aprendi que isso é o preço. Alto, mas eu tenho muita coisa. Porque eu estou exposta a isso,

eu vivo isso. Não só aceito, como gosto, como quero. O dia que eu sair e uma criança não olhar pra mim, não quiser falar comigo, eu vou dizer: 'Opa, tem alguma coisa errada'.

A assessoria do Michael Jackson estava querendo que ele casasse, tivesse filhos. E eles estavam buscando uma pessoa. Nessa época eu estava trabalhando na Espanha. Fui chamada para o show dele. E eu, obviamente como fã dele, era louca por ele, falei: 'Eu vou ver!'. Tirei foto com ele, essas coisas todas. Ele estava chupando pirulito, eu peguei o pirulito que ele estava chupando e levei que nem fã.

Mas logo depois me chamaram pra ir pra Neverland, as pessoas queriam que eu falasse com ele. Ele sabia tudo da minha vida, ele leu tudo sobre mim. Cheguei lá, fui jantar com ele, a gente viu filme juntos, essas coisas todas.

E depois veio uma proposta do empresário dele: se eu não pensava em de repente ficar com ele. Eu falei: 'Como assim?'. É porque ele gostaria de ter filhos, casar. E eles achavam muito legal ter essa junção. Uma pessoa que trabalha com criança na América do Sul e ele que gosta de criança. Ele me mostrou só as coisas de criança. Todos os cliques dele. Chorei, obviamente que eu ia chorar. Do lado do Michael Jackson, sentada no cinema, na casa dele. Como eu não ia chorar. Chorei, me debilhei. Ele pegava na minha mão, e quanto mais ele pegava na minha mão mais eu chorava. Pra mim é um ídolo, mas de ídolo pra outra coisa era muito diferente. Então não rolou. Minha resposta, obviamente, foi não. Eu fico com a pessoa que eu me apaixono.

A coisa mais difícil é o cara me aceitar do jeito que eu sou. Eu sou complicada pra caraca. Eu sou muito independente, eu gosto de fechar a porta do meu carro, gosto de dirigir, não gosto que ninguém pague as minhas contas, eu gosto de liberdade, já que eu tenho tão pouco.

Não abro mão de ficar perto da minha filha por homem nenhum. Meu trabalho está na frente porque também é uma coisa que eu preciso pra poder ajudar todo mundo. Minha fundação depende de mim, minha família depende de mim, minha filha. E eu preciso disso pra me sentir viva, me sentir melhor. Aí eu vou deixando porque talvez um dia esse homem vá aparecer na minha frente, bater na minha porta, como já aconteceu e rolar. E não rola assim. Não existe isso. Não vai ter essa segunda vez. Esse alguém batendo na minha porta e dizendo: 'Eu sou tudo isso que você quer, estou aqui para você'. Então eu não estou procurando.

Mas às vezes, posso te dizer na boa, corre sangue aqui dentro e hormônio. Isso que é o pior. Esses hormônios é que matam a gente. Eu estava crente que quando eu chegasse aos 50 ia chegar calminha. Que nada! Aí se você me perguntar, eu vou dizer: 'Faz falta, faz muita

falta'. Em quatro paredes, eu dependo muito do cara. Mas até chegar em quatro paredes é que a coisa complica. Quando chega nas quatro paredes, eu e ele, ele e eu, aí eu não penso em mais nada. Não penso em trabalho, não penso em nada, não penso em ninguém. Aí as poucas pessoas que me conhecem dizem assim: 'Nossa, mas eu não achava que você era assim!' Por quê? Como eu ia ser? Queria muito saber o que passa na cabeça das pessoas.

O tempo, pra gente que trabalha em televisão, é um pouco cruel. Porque eu canso de falar isso: 'Nossa como aquela mulher era bonita e ela agora está horrível'. E o tempo faz com a gente, as coisas caem, vão embora, descem. Eu já falei: às vezes dá vontade de dar uma puxadinha, fazer igual minha chuquinha, puxar tudinho, cortar e costurar, mas não dá pra fazer isso. E eu entendo que as pessoas ficam afoitas porque a televisão agora mostra os poros, mostra os detalhes todos. Então as pessoas querem puxar aqui, puxar ali. Fica todo mundo com a mesma cara. Fica todo mundo igual. E eu não quero ter essa cara de tamanco. Então eu vou ficar velhinha e todo mundo vai dizer: 'Nossa, como ela era e agora olha como ela ficou'.

Quando me chamaram pra fazer a campanha do 'Não bata, eduque', que seria tentar mudar a cabeça das pessoas. E descobri que as crianças que estão na rua, 80% das pessoas que estão nas ruas se prostituindo - a palavra nem seria essa, porque elas não sabem o que estão fazendo-, roubando, se drogando, sofreram algum tipo de abuso dentro de casa. Algum tipo de violência dentro de casa que fez com que ela saísse.

E quando as pessoas começam a me falar sobre as histórias dessas crianças, que muitas vezes isso acontece dentro de casa, ou com o pai, ou com a mãe, ou com o tio ou com o melhor amigo do pai, ou padrasto. Ou seja: alguém muito conhecido dentro de casa que acabou abusando sexualmente dessa criança e ela resolve sair de casa. Mas para ela poder comer ela acaba fazendo isso nas ruas.

Isso me dá um embrulho no estômago porque eu consigo não só me colocar no lugar delas, como eu abracei essas causas todas porque eu vivi isso. Na minha infância até a minha adolescência, até os meus 13 anos de idade foi a última vez.

Pelo fato de eu ser muito grande, chamar a atenção, eu fui abusada, então eu sei o que é. Eu sei o que uma criança sente. A gente sente vergonha, a gente não quer falar sobre isso. A gente acha que a gente é culpada. Eu sempre achei que eu estava fazendo alguma coisa: ou era minha roupa ou era o que eu fazia que chamava a atenção, porque não foi uma pessoa, foram algumas pessoas que fizeram isso. E em situações diferentes, em momentos diferentes da minha vida. Então ao invés de eu falar para as pessoas, eu tinha vergonha, me calava, me sentia mal, me sentia suja, me sentia errada. E se eu não tivesse uma mãe, se eu não tivesse o

amor da minha mãe, eu teria ido embora, porque o medo de você ter aquelas sensações de novo, passar por tudo isso, é muito grande. Só que eu não falei pra minha mãe, eu não tinha essa coragem de falar com ela. E a maioria das crianças, dos adolescentes passa por isso.

Eu não me lembro direito porque eu era muito nova, eu me lembro do cheiro. Tinha cheiro de álcool, tinha cheiro de alguma coisa e eu não sei quem foi. E depois aconteceram muitas vezes. Parou aos 13 anos, quando eu consegui fugir. Agora tem essas coisas que pra mim doem, me machucam, me dá vontade de vomitar. Quando eu lembro que tudo isso aconteceu e eu não pude fazer nada porque eu não sabia, eu não tinha experiência. O que uma criança pode fazer? Eu tinha medo de falar pro meu pai e meu pai achar que era eu que estava fazendo isso. Porque uma das vezes que aconteceu foi com o melhor amigo dele, que queria ser meu padrinho. Eu não podia falar pra minha mãe, porque uma das vezes também foi com um cara que ia casar com a minha avó, mãe dela. Então, a errada era eu. Eu não tinha experiência, não sabia o que era. Professores. Um professor chegou pra mim e disse: 'Não adianta você falar porque entre a palavra de um professor e de um aluno eles vão acreditar no professor, não no aluno. E até hoje, se você me perguntar por que aconteceu comigo, eu ainda acho que foi por minha culpa. E a gente não pode pensar assim. Porque a criança não tem culpa, a criança não sabe. O cara, o adulto, o homem, a mulher, a pessoa que faz isso com uma criança sabe, mas a criança não.

Talvez eles deveriam ter notado que quando eu não estava falando muito, eu que sou de falar demais, é porque estava acontecendo alguma coisa comigo. Mas na inocência da minha mãe, que casou tão nova e com cinco filhos, ela não reparou que eu que falava muito, em alguns momentos eu me calava. Por que você acha que eu não consigo casar e ficar muito tempo com uma pessoa? Deve ter uma explicação. Quem sabe não deve ser tudo isso que eu vivi? O fato de eu me achar horrível, me achar feia, e as pessoas falarem: 'Não, é bonita'. E eu falar: 'Não, não sou'. Deve ter a ferida ali.

Eu nunca falei pra ninguém porque eu achava que as pessoas vão me olhar diferente. Ou talvez não vão entender. Ou vão entender da maneira delas. Mas eu só queria dizer que eu não entendo muitas vezes porque aconteceu comigo. E porque eu não falei. E por que eu não soube dizer não, eu não sei. Talvez eu tivesse que passar por tudo isso pra hoje eu chegar e dizer: 'Eu quero lutar por elas'. Eu tenho um sonho de um dia nenhuma criança sofrer nada porque criança é um anjo. Aquele cheiro, que eu gosto de cheirar o pescoço, que tem...

Eu vi o que poucas pessoas puderam ver. Eu senti o que poucas pessoas puderam sentir. Eu vivi o que pouquíssimas pessoas puderam viver. Eu vi o amor verdadeiro através da minha mãe. Eu vi o amor verdadeiro através das crianças. Eu acho que poucas pessoas viram

ou viveram isso. E eu vivi um grande amor na minha vida que foi rápido. Porque tudo pra ele era muito rápido, e que poucas pessoas puderam viver e sentir, tão rápido e tão forte. E as outras coisas que eu vi que eu não gostei, parece que eu vi um filme, parece que eu não vivi. Então eu deixo só as coisas boas.”